



C A P Í T U L O 6

UM OLHAR “DIPLOMÁTICO” DO NARRADOR MACHADIANO: PARTE DA ÁSIA NA CRÔNICA DE 28 DE OUTUBRO DE 1894

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0272511096>

Nelson de Jesus Teixeira Júnior

Professor Adjunto de Literatura e Estágio em Letras pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus IX

RESUMO: Em todas as suas crônicas, Machado de Assis não privava seu leitor do que ocupava o universo nacional e o mundial, condição que atualizava, ao modo da escrita machadiana, quem acessava esses textos nos jornais oitocentistas do final do Dezenove brasileiro. A crônica em estudo foi parte da série *A Semana*, publicada entre 1892 e 1897 na *Gazeta de Notícias*, datando de 28 de outubro de 1894, inserida na coluna “A Semana”. Como nas demais narrativas do gênero em análise, o leitor machadiano da época encontrou um fluxo contínuo de informações, alusões e aberturas aos sentidos políticos e culturais presentes na época. Sobre esse tipo de escrita cronista que interrompe a “obviedade” da linearidade, vale pontuar, segundo Vincent Jouve, em *A leitura*, que: “Se a leitura linear é mais respeitosa das regras do jogo, não é necessariamente a mais importante.” (Jouve, 2002, p. 29). Nessa perspectiva, a crônica desafia o leitor, pela dinâmica própria de sucessão, a compreender e estender sentidos sobre o que é lido. Na escrita machadiana em análise, o autor problematiza as dúvidas e levanta algumas possibilidades políticas e diplomáticas do período, o que nos permite seguir essa organização textual na perspectiva do olhar de um narrador diplomático, o qual informa entre a linha tênue da notícia e da opinião. Apesar do cenário educacional ainda em formação e concentrado para poucos, o leitor machadiano, conforme indicado antes, não era privado do que ocorria no mundo, especialmente quando parte desse mundo ocorria aqui, no Brasil oitocentista. Ainda sobre o contexto educacional do Dezenove nacional, Marisa Lajolo e Regina Zilberman, em *A formação da leitura no Brasil*, registra que: “Só por volta de 1840 o Brasil do Rio de Janeiro, sede da monarquia, passa a exibir alguns dos traços necessários para a formação e fortalecimento de

uma sociedade leitora (...)" (Lajolo e Zilberman, 2002, p. 18). Nesse cenário mínimo de formação educacional e leitora, o jornal funcionava como produto cultural importante e necessário.

PALAVRAS-CHAVE: Machado de Assis. Crônica. Narrador.

UNA MIRADA “DIPLOMÁTICA” DEL NARRADOR DE MACHADIANO: PARTE DE ASIA EN LA CRÓNICA DEL 28 DE OCTUBRE DE 1894

RESUMEN: En todas sus crónicas, Machado de Assis nunca privó a sus lectores de la actualidad brasileña e internacional, situación que, al estilo de su escritura, actualizaba a quienes consultaban estos textos en los periódicos brasileños de finales del siglo XIX. La crónica en estudio formó parte de la serie “A Semana”, publicada entre 1892 y 1897 en la *Gazeta de Notícias*, con fecha del 28 de octubre de 1894, e incluida en la columna “A Semana”. Al igual que en otras narrativas del género analizado, los lectores de Machado de Assis de la época se encontraron con un flujo continuo de información, alusiones y reflexiones sobre los contextos políticos y culturales de la época. Respecto a este tipo de escritura cronística que interrumpe la “obviedad” de la linealidad, cabe señalar, según Vincent Jouve en “A leitura”, que: “Si bien la lectura lineal es más respetuosa con las reglas del juego, no es necesariamente la más importante» (Jouve, 2002, p. 29). Desde esta perspectiva, la crónica desafía al lector, a través de la propia dinámica de la sucesión, a comprender y ampliar el significado de lo leído. En la escritura de Machado analizada, el autor problematiza dudas y plantea algunas posibilidades políticas y diplomáticas de la época, lo que nos permite seguir esta organización textual desde la perspectiva de un narrador diplomático, que informa en la delgada línea entre noticia y opinión. A pesar de que el panorama educativo aún estaba en desarrollo y se concentraba en unos pocos, el lector de Machado, como se indicó anteriormente, no estaba privado de lo que sucedía en el mundo, especialmente cuando parte de ese mundo ocurría aquí, en el Brasil del siglo XIX. Siguiendo con el contexto educativo del siglo XIX nacional, Marisa Lajolo y Regina Zilberman, en *La Formación de la Lectura en Brasil*, señalan que: “Solo alrededor de 1840, el Brasil de Río de Janeiro, sede de la monarquía, comenzó a exhibir algunos de los rasgos necesarios para la formación y el fortalecimiento de una sociedad lectora (...)" (Lajolo y Zilberman, 2002, p. 18). En este escenario mínimo de desarrollo educativo y lector, el periódico funcionó como un producto cultural importante y necesario.

PALABRAS CLAVE: Machado de Assis. Crónica. Narrador.

A diplomacia enquanto construção dialógica que estabelece relações e negociações pacíficas entre estados soberanos, visando promover os interesses comuns entre as nações, não é um desafio somente da contemporaneidade, mas foi durante o século XIX brasileiro. E, neste sentido, o escritor Machado de Assis compreendeu e fez uso desse tipo de escrita diplomática. Adentrando na narrativa machadiana, a preocupação do narrador em diferenciar o motivo da chegada do estrangeiro pode ser justificado, visto que o Japão passava por um contexto de intervenções e vitórias militares. No caso do Brasil, o narrador parece tranquilizar o leitor sobre essa chegada: “O momento é japonês. Vêde o contraste daquele povo que, enquanto acorda o mundo com o anúncio de uma nova potência militar e política, manda um comissário ver as terras de São Paulo, para cá estabelecer alguns dos seus braços de paz.” (Assis, p. 211, 1970). Para além da tranquilização da chegada, o narrador adentra nos interstícios presentes na arte da política, visto que o mesmo braço que aperta o gatilho é o que estende o aperto de mão. Seu leitor precisa, nesse processo de informe e explicação, compreender que o real motivo da chegada é o de laços econômicos e comerciais, não militares. Jean França, em *Literatura e sociedade no Rio de Janeiro oitocentista*, traça um panorama que reivindica a importância desse espaço social brasileiro no século XIX: “A cidade do Rio de Janeiro ocupou nesse processo um destacado papel. (...) Olhar para o Rio de Janeiro desse período é, de certa forma, olhar para um projecto de Brasil que se queria viabilizar.” (França, 1999, p. 9 – 10). Mesmo a chegada do comissionário sendo em São Paulo, o leitor carioca precisa saber, afinal, nesse projeto de Brasil, o laço diplomático é estabelecido, também, por meio do impresso, afinal, democratizava o acesso aos últimos acontecimentos envolvendo a nação brasileira e outros países, bem como desenhava possibilidades comerciais entre os países.

Quanto à referida crônica da série *A Semana*, o narrador parece informar a chegada, mas sem adotar posicionamentos avaliativos acerca dos lados envolvidos nos entraves militares, o que indica o cuidado diplomático e o tom de informação jornalística aplicado na narrativa em questão. Em aspecto de humor, o ar diplomático atravessa a culinária como cartão de visitas: “Não sou nenhuma alma ingrata que negue ao chim os seus poucos méritos; confessos, e chego a aplaudir alguns. O maior dêles é o chá, merecimento grande, que vale ainda mais que a filosofia e a porcelana.” (Assis, p. 211, 1970). O chá, aqui, pode servir como o ponto em comum de uma boa conversa, além de funcionar como uma metáfora para o diálogo que o narrador visa estabelecer com o seu leitor. Isso, sem mencionar a ligação cultural que é construída pelo paladar. Reforçando essa leitura metafórica, Em *Metáfora: o espelho de Machado de Assis*, Dirce Riedel sinaliza alguns aspectos do texto machadiano, dos quais retomamos o seguinte: “A construção da narrativa se organiza como metáfora. Recorrendo ao expediente da memória voluntária tenta mascarar, fazendo que desmascare a precariedade e a incerteza do ser humano.”

(Riedel, 1979, p.64). A riqueza alusiva dessa linguagem funcionava como elemento multiplicador de sentidos para o leitor. Se o narrador, pela via do olhar diplomático, estabelece um clima de conversa apropriado sob uma boa degustação do chá, as honras da casa parecem tomar um direcionamento local com a chegada daquele que representa bem o país: o café. Agora, o tom de aproximação e de quase irmandade é tomado pelas estratégias de aproximação entre o que é do outro e o que é de si: “O chá é o único parceiro digno do café. Temos tentado fazer com que o primeiro venha plantar o segundo (...)” (Assis, p. 211, 1970). De um tom de conversa cordial, o narrador parece avançar para laços comerciais entre os dois lugares. O tom de humor, na medida, direciona o olhar do leitor à ideia de que os amigos visitantes chegam com boas intenções comerciais.

Após a cortesia do chá, do café e das plantações, o narrador parece mais à vontade para trazer à baila o acontecimento militar envolvendo o país do comissionário. Ainda com toque de humor e leveza, o entrave é citado: “Antes plantar café no Brasil que “plantar figueiras” na Coréia, perseguidos pelo marechal Yamagata.” (Assis, p. 212, 1970). A comparação dos cenários parece leve, condição construída aos poucos por um narrador maduro, bem humorado e diplomático, que busca levar o seu leitor a tudo que ocorre, mas de maneira gradual, sem que o ar abrupto cause repulsa à leitura. Nessa perspectiva de que tudo está “sob medida” na crônica de Machado de Assis, vale pensar um pouco sobre o próprio gênero narrativo em questão, já que Antônio Cândido, em *A crônica*, coloca que: “(...) a crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas.” (Cândido, 1992, p. 14). Desse modo, a crônica não deixa escapar o que corre o risco de ser esquecido. Nesse âmbito, Machado compreendia o que deveria ser “muito bem lembrado” ao seu leitor. Retornando à narrativa em análise, saindo do universo gastronômico, o de móveis adentra no percurso da narrativa. A impressão, de imediato, é que o texto constrói um espaço imaginário que não escapará de tudo aquilo que ocupa um espaço domiciliar.

Para além de uma ideia de recepção, há a de sentir-se à vontade com o assunto que pode atravessá-lo. Sigamos com a passagem: “Nós o tivemos e o temos. Esta mesma semana fêz-se um grande leilão na rua do Senador Vergueiro, em que houve larga cópia de sêdas e móveis japoneses, dizem-me que bonitos.” (Assis, p. 212, 1970). A referência a um comércio que une os dois países, Brasil e Japão, estabelece um contexto de aproximação, afastando qualquer pensamento que se estabeleça no âmbito da distância. O narrador machadiano leva o seu leitor ao que de mais comum há em um espaço citadino: o centro comercial. O acontecimento militar, novamente, é trazido à tona pelo narrador que não abandona a diplomacia ao tratar da questão. Entretanto, levanta, dessa questão particular, uma reflexão coletiva: a de que as indiferenças são históricas e comuns entre todos, o que não escaparia às relações entre as nações, conforme pontua no texto:

São dous inimigos velhos; mas não basta que o ódio seja velho, é de mister que seja fecundo, capaz e superior. Ora, é tal o desprezo que os japonêses têm aos chins, que a vitória deles não pode oferecer dúvida alguma. Os chins não acabarão logo, nem tão cedo, - não se desfazem tantos milhões de haveres como se despacha um prato de arroz com dous pauzinhos (...). (Assis, p. 214-215, 1970).

Novamente, o paladar surge em questão para suavizar o olhar sobre o conflito. Agora, para tornar complexa a maneira como as coisas são resolvidas, diferente da simplicidade que é deliberar um prato. Mesmo reconhecendo a hostilidade, o narrador não problematiza profundamente a questão entre aquelas nações, afinal, seu leitor é também livre para suas próprias conclusões. Luiz Lima, em *A literatura e o leitor: textos de estéticas da Recepção*, aborda um estado de encontro entre o leitor e o texto, o qual é operacionalizado da seguinte maneira:

A experiência estética, portanto, consiste no prazer originado da oscilação entre o eu e o objeto, oscilação pela qual o sujeito se distancia interessadamente de si, aproximando-se do objeto, e se afasta interessadamente de si do objeto, aproximando-se de si. Distancia-se de si, de sua cotidianidade para estar no outro, mas não habita o outro, como na experiência mística, pois o vê a partir de si. (Lima, 1979, p. 19).

Essa espécie de transcendência da experiência toma contornos reais à medida em que o texto, neste caso a crônica, traz o cotidiano envolto de metáforas, o que torna o encontro entre leitor e texto: algo real e, na medida certa, utópico. Em tom de diplomacia e com ar de boas-vindas, o narrador machadiano leva o seu leitor ao término da crônica. Nesse momento, ocorre o ar de esperança e de trocas culturais. A declaração de um tempo novo acompanha a chegada do comissionário japonês: “O momento é japonês. Que esses braços venham lavrar a terra, e plantar, não só o café, mas também o chá, se quiserem. Se forem muitos e trouxerem os seus jornais, livros e revistas de clubes, e até as suas moças, alguma necessidade haverá de aprender a língua deles.” (Assis, p. 215, 1970).

O hábito da plantação, o modo como planta e como podem contribuir na terra de chegada são atrelados aos hábitos da leitura, bem como essa relação pode ser colaborativa para o Brasil. Assim, o narrador machadiano parece costurar, de forma diplomática, a chegada no Brasil de um comissionário de uma nação envolvida em conflito bélico, o que não torna o texto tenso. Dessa forma, para além de informar, o narrador desse texto buscava tranquilizar e estreitar relações com o visitante, o que desenhava o Brasil enquanto um lugar de chegada e de acomodação importante. Machado de Assis lançava mão de todas as novidades que imperavam no Brasil, especialmente no Rio de Janeiro oitocentista, e, por meio dessas novidades, as quais estavam quase sempre associadas ao avanço, acabavam funcionando como metáforas da chegada do progresso ao Brasil. Nessa perspectiva, sua escrita, especialmente por meio da crônica, captava o tempo, sua passagem e suas possibilidades representativas de um momento que existia enquanto presente alusivo ao passado transitório e, ao mesmo tempo, ao futuro em vias de breves acontecimentos. Nessa conjuntura, a narrativa em análise apresentou a forma como o narrador construiu uma linha de narratividade regulada pelo aspecto da diplomacia.

A partir dessa perspectiva da escrita machadiana, essa modernidade antiga direciona o olhar para o quão próximo está o novo do antigo. Tal escrita responsável estabelece uma ligação ao que se espera do editor, do colunista e do cronista atual no jornal impresso e eletrônico de grande circulação nacional. Frederick Karl, em *Moderno e o modernismo: a soberania do artista, 1885-1925*, registra a seguinte ligação entre tempos diferentes: “Por volta de 1885, formava-se uma nova consciência, ou, podemos dizer, uma nova inconsciência, uma subestrutura da experiência que emergiria como os desenvolvimentos que associamos com o moderno e o modernismo.” (Karl, 1988, p. 78). Nessa conjuntura, nada mais antigo no moderno que estabelecer um laço de aproximação entre nações tão distantes, por meio de um olhar diplomático registrado, hoje, em uma das maiores formas de propagação da informação no Brasil: o jornal. Machado de Assis já fazia isso por meio das suas estratégias narrativas. Para além disso, o desafio enquanto texto que ocupa a linha tênue entre a literatura e o jornalismo é, por meio da travessia que os cânones literários trilharam, como Machado de Assis, adentrar uma linguagem que informa e forma pontes para que o leitor construa outros sentidos possíveis. Por fim, a linha temporal serve para reunir, substituir ou, mesmo, ruir esses olhares com vistas a um futuro ainda por se desenhar.

REFERÊNCIAS

- Candido, Antônio. *A crônica. O Gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. In: *A vida ao rés-do-chão*. Campina – SP, UNICAMP, 1992.
- França, Jean M. Carvalho. *Literatura e sociedade no Rio de Janeiro oitocentista*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1999.
- Jouve, Vincent. *A leitura*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- Karl, Frederick. *O moderno e o modernismo: a soberania do artista, 1885-1925*. Rio de Janeiro, Imago, 1988.
- Lajolo, Marisa; Zilberman, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1998.
- Lima, Luiz Costa. *A Literatura e o Leitor: textos de Estética da Recepção*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.
- Riedel, Dirce Cortes. *Metáfora: o espelho de Machado de Assis*. São Paulo, Francisco Alves 1979, 2^a edição.